FREIRE, Paulo. Educação e mudanças. Vol.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KUHLMANN JR, M., (1991). Instituições Pré-Escolares Assistencialistas no Brasil (1899- 1922). In: Cadernos de Pesquisa. São Paulo. N. 78. P. 17-26.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). História das Mulheres no Brasil. 5º. Ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.

NÓVOA, António. Os professores: Quem são? Donde vêm? Para em que vão? Lisboa: ISEF, 1989.

NÓVOA, António. (1991). Para o estudo sociohistórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 4, p. 109-139.

PASSOS, Elizete. Entre a autoridade e o afeto: Anfrísia Santiago e a Educação Feminina na Bahia. In: Fazendo Gênero na Historiografia Baiana / organizado por Cecília M. B. Sardenberg, Iole Macedo Vanin e Lina Mª Brandão de Aras. Salvador: NEIM/ UFBA, 2001. P. 105 - 118.

SILVA, Jovina, RAMOS, Maria Minteiro da Silva. Prática Pedagógica numa Perspectiva Interdisciplinar. Disponível em: http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006. gt3/GT3_2006_08.PDF>. Acesso em: 04/04/2021.

VIEIRA, Débora Magali Miranda. Mulher e Formação Para o Magistério: "Entre a condição desejável e a possível de se obter" Bahia 1873 a 1895. Monografia. UFBA Salvador, 2008.

WILLIAMS, Christine l. Still a man's world: men who do "women's work. Bekerley: University of California Press, 1995.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Tradução de Ernani F. Da F. Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

UM AMBIENTE ALFABETIZADOR

GISILENE DA SILVA CARVALHO

RESUMO

Durante os últimos anos, muito se descobriu sobre ambiente alfabetizador. Contudo, ficar estacionado no âmbito da pesquisa sem que haja a expansão do conhecimento, visando um melhor entendimento do assunto, é trabalho incompleto para aquele que pretende transformar a teoria em prática. Buscamos mostrar como deve ser organizado esse ambiente, a fim de proporcionar às crianças a oportunidade de presenciar e participar de diversos atos de leitura e de escrita, pois assim elas podem desde cedo pensar sobre a língua e seus usos, construindo ideias sobre como se lê e como se escreve. Com o objetivo de proporcionar aprendizagens significativas e contextualizadas, sendo o papel do professor enquanto mediador incentivador, responsável em produzir seres pensantes e atuantes no mundo letrado.

Palavra-chave: Educação, Alfabetização, Letramento, Interação

RESUME

During the past few years, much has been discovered about the literacy environment. However, stay stationary in the scope of the research without expanding knowledge, following a better understanding of the subject, and incomplete work for those who can transform a theory into practice. We seek to show how this environment should be organized, an end of use for children in an opportunity to witness and participate in various reading and writing exercises, so that they can think early about a language and its uses, build ideas on how to read and how do you write. With the objective of offering learned and contextualized knowledge, being a teacher of the role as a mediator, responsible for producing thinking and active beings in the literate world.

Keyword: Education, Literacy, Literacy, Interaction

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz considerações sobre o ambiente alfabetizador e as maneiras da criança participar de um conjunto de situações reais no processo de alfabetizar.

Durante os últimos anos, muito se descobriu sobre ambiente alfabetizador. Contudo, ficar estacionado no âmbito da pesquisa sem que haja a expansão do conhecimento, visando um melhor entendimento do

assunto, é trabalho incompleto para aquele que pretende transformar a teoria em prática.

Entende-se como ambiente alfabetizador um espaço organizado de forma a facilitar o aprendizado das crianças em fase de alfabetização. Para compor esse espaço devem ser utilizados elementos como gravuras, livros, jornais, alfabeto móvel, brinquedos, entre outros, todos organizados com a intenção de auxiliar esse processo.

Neste trabalho, buscamos mostrar como deve ser organizado esse ambiente, a fim de proporcionar às crianças a oportunidade de presenciar e participar de diversos atos de leitura e de escrita, pois assim elas podem desde cedo pensar sobre a língua e seus usos, construindo ideias sobre como se lê e como se escreve.

O primeiro capítulo inicia com uma reflexão histórica do estudo da linguagem e da escrita, e o uso de um ambiente apropriado para a alfabetização no Ensino Fundamental I.

O segundo capítulo tem por finalidade uma reflexão teórica, baseada em estudos sobre os principais teóricos no assunto, como Piaget, Vygotsky e Emilia Ferreiro, sobre como a criança constrói seu conhecimento, apropriandose de um ambiente que propicia um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita, nos quais tem a oportunidade de participar.

1 - Processos de apropriação da Escrita

O processo de apropriação do sistema de escrita, que possibilita ao aluno ler e escrever corresponde ao que se denomina alfabetização. (Soares, M. B., 2004).

Já o processo de desenvolvimento das habilidades do ler e do escrever nas práticas sociais que envolvem a língua escrita corresponde ao que se conhece por letramento, de que também são muitas as facetas, imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros textuais, (histórias, poemas, canções, parlendas, listas, agendas, propagandas, notícias, cartazes, receitas culinárias). (Soares, M. B., 2004).

Vivemos em uma sociedade, em que a escrita está presente em todos os espaços, todo momento, cumprindo diferentes funções. Ter clareza quanto à diversidade de usos e funções da escrita e às incontáveis possibilidades que ela abre é importante, tanto do ponto de vista conceitual e procedimental, para que possamos fazer escolhas adequadas, ao participar das práticas sociais de leitura e da escrita.

Segundo Soares (2004), a entrada da criança no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: alfabetização e letramento, a alfabetização desenvolve-se no contexto por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, ou seja, em dependência da alfabetização, indispensáveis para se garantir a inserção e a participação efetiva nas sociedades letradas.

A alfabetização e o letramento são, portanto, processos diferentes, mas complementares e inseparáveis, favorecendo na aquisição do conhecimento.

1.1 - Alfabetização

A pesquisa nos leva, a definir que a alfabetização é um processo específico e indispensável da apropriação do sistema da escrita, é a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitam ao aluno a ler e escrever com autonomia.

Vimos que, a alfabetização e o letramento, são processos de inserção e a participação da criança na cultura escrita, e tem início quando essa passa a conviver com diferentes manifestações da escrita na sociedade, sendo (placas, rótulos, embalagens, comerciais, revistas e etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade da sua participação, nas práticas sociais que envolve a língua escrita, posteriormente a criança passará a interagir com textos científicos, leitura e redação de contratos e obras literárias, por exemplo.

Os autores apontam que dissociar esses dois processos, a alfabetização e o letramento, entendendo que o letramento é uma espécie de preparação para a alfabetização ou que a alfabetização fornece as condições para o início do letramento. Ao contrário, são processos interdependentes, indissociáveis e simultâneos. Cientes da especificidade desses processos é preciso conciliar a alfabetização e o letramento, de forma que assegure aos alunos alfabetizar letrando. (SOARES, M. B., 2004).

Através das leituras realizadas, o autor acredita que, alfabetizar letrando são processos sequenciais, isto é, vindo um após o outro, como se o letramento fosse uma espécie de preparação para a alfabetização, ou então, como se a alfabetização fosse condição indispensável para o início do processo de letramento. Considerando que, os alfabetizandos, vivem em uma sociedade letrada, onde, a língua escrita está presente de maneira visível e marcante nas atividades cotidianas, inevitavelmente, eles terão contato com textos escritos, fazendo uma reflexão de sua utilidade e seu funcionamento social.

1.2 - O Letramento

Entende-se que a ação pedagógica mais adequada e produtiva é aquela que contempla de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e o letramento.

Segundo CIPRIANO & WANDRESEN (2008) o termo letramento foi criado, portanto, quando se passou entender que, nas sociedades contemporâneas, é insuficiente o mero aprendizado das primeiras letras, e que integrar-se socialmente, hoje, envolve também, saber utilizar a língua escrita nas situações em que esta é necessária, lendo e produzindo textos. Essa nova palavra veio para designar essa nova dimensão da entrada no mundo da escrita, que se constitui de um conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades necessárias para usar a língua em práticas sociais.

Quando se orienta a ação pedagógica para o letramento, não é necessário, nem recomendável que, por isso, se descuide do trabalho específico com o sistema de escrita. Noutros termos: o fato de valorizar em sala de aula os usos e as funções sociais da língua escrita não implica deixar de tratar sistematicamente da dimensão lingüística do código, que envolve os aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos. Do mesmo modo, cuidar da dimensão lingüística visando à alfabetização, não implica excluir da sala de aula o trabalho voltado para o letramento.

O desafio que se coloca hoje para os professores é o de conciliar esses dois processos, de modo a assegurar os alunos a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e a plena condição de uso da língua nas práticas sociais de leitura e escrita.

Uma das preocupações com o processo na contemporaneidade é o ambiente alfabetizador, não se trata de cobrir as paredes da sala de aula de textos e letras, às vezes, até com etiquetas nos objetos e móveis. Expor uma criança á escrita é fazer práticas de leitura e de escrita necessárias no cotidiano, isto é, dar às atividades uma função real de expressão e de comunicação. (FERNANDES, M., 2008).

De acordo com Maria Fernandes (2008) o espaço alfabetizador, desde o inicio do ano letivo deve possibilitar uma organização pedagógica que facilite a aprendizagem dos alunos com um ambiente estimulador, onde elas possam pesquisar e expressar suas aprendizagens diversificadas.

Este espaço abrange muito mais que a sala de aula, abrange também os demais espaços da escola até outros espaços que a comunidade possa oferecer, proporcionando diversas experiências em locais e momentos onde as crianças possam desenvolver as atividades sugeridas pela professora.

A seguir, algumas correntes teóricas defendem que o meio, a interação, favorecem no desenvolvimento, proporcionando o processo de construção do conhecimento.

2 - Jean Piaget

Muitos estudiosos e pesquisadores trabalharam ou trabalham na tentativa de compreender a elaboração do pensamento de quem aprende, ou seja, entender como funciona o pensamento da criança, quando está aprendendo a ler e escrever.

Um dos mais marcantes pesquisadores Jean Piaget, seus estudos no Centro de Epistemologia Genética de Genebra tem influenciado os diferentes campos do conhecimento humano.

Piaget preocupou-se em explicar a maneira como a criança interage com o mundo e com as pessoas para chegar ao conhecimento. Segundo pesquisas piagetianas, o conhecimento é construído na interação do sujeito com o objeto de aprendizagem. A criança apodera-se de um conhecimento se agir sobre ele, pois aprender é descobrir, inventar, modificar. (FERNANDES, M., apud, Piaget, 2008, p.16).

Portanto o sujeito é uma síntese individual da sua interação com o meio em que vive, por isso, ele não pode ser um sujeito passivo, mas interacionista.

Suas pesquisas nas áreas de psicologia do desenvolvimento e epistemologia genética tinham como objetivo entender os mecanismos da aquisição do conhecimento. Piaget concluiu que o individuo passa por várias etapas de desenvolvimento ao longo de sua vida e que a aquisição do conhecimento é uma construção progressiva, em que estruturas lógicas menos poderosas vão sendo substituída por outras mais fortes e estruturadas da infância até a idade adulta. Por essa, razão as crianças não pensam como os adultos por ainda faltarem certas habilidades, a maneira de pensar é diferente, não somente em grau, como em classe. (OLIVEIRA, MK.,1998).

Portanto as crianças em cada período do seu desenvolvimento adquiri novos conhecimentos e estratégias de compreensão da realidade que o cerca.

Segundo Piaget, que estudou a evolução do pensamento até a adolescência, procurando entender os mecanismos mentais que o indivíduo utiliza para captar o mundo, investigou o processo de construção do conhecimento. (KAMIL, C., 1991).

Na observação de seus filhos e de muitas outras crianças, ajudaram Piaget a formular suas teorias sobre como se dá, o desenvolvimento da inteligência nos seres humanos, ciências que recebeu o nome de

epistemologia genética. (OLIVEIRA , MK,1998).

Piaget acreditava que as crianças são naturalmente curiosas, estão sempre querendo entender suas experiências e, nesse processo, constroem a sua compreensão do mundo, as crianças de todas as idades são como cientistas, no sentido de que criam teorias sobre como o mundo funciona. É evidente que as teorias das crianças, costumam ser incompletas, ainda assim, são valiosas, porque fazem com que o mundo pareça mais previsível.

Segundo Piaget, as crianças vêm a entender o mundo utilizando esquemas, estruturas psicológicas que organizam a experiência. (OLIVEIRA, M.K., 1998).

Os esquemas mudam constantemente, adaptando-se às experiências das crianças. Na verdade, adaptação intelectual envolve dois processos que operam juntos: assimilação e acomodação. A assimilação ocorre quando novas experiências são incorporadas de imediato aos esquemas existentes. A acomodação ocorre quando os esquemas são modificados em função da experiência. A assimilação e a acomodação, normalmente estão em equilíbrio.

(KAIL, R.V., 2004).

As crianças descobrem que podem assimilar com facilidade a maioria das experiências a seus esquemas existentes, mas, de vez em quando, precisam acomodar seus esquemas para se adaptar a novas experiências.

Para Piaget, o desenvolvimento da inteligência do ser humano começa no período intrauterino e se estende até os 15 ou 16 anos. Esse processo, chamado por ele de construtivismo seqüencial, ocorre em etapas sucessivas e encadeadas, com complexidades crescentes. (JUNG, CARL GUSTAV, apud, Piaget, 1961, p.32).

Ou seja, o individuo constrói e reconstrói continuamente as estruturas que o tornam cada vez mais apto ao equilíbrio.

Quando Piaget observou seus filhos e as outras crianças conseguiram identificar quatros estágios do desenvolvimento que seguem idades mais ou menos determinadas, são eles os estágios do desenvolvimento.

o Sensório-motor o Pré-Operatório (ou simbólico) o Operatório-Concreto o Operatório-Formal.

Piaget (2008) não se dedicou a elaborar uma metodologia para construir e ampliar a inteligência da criança, mas com base na sua identificação das características de cada fase do desenvolvimento, contribui para que os educadores criassem estratégias de ensino que estimulassem adequadamente os seus alunos.

2.1 - Lev Vygotsky

Vygotsky construiu sua teoria com base na aquisição do conhecimento pela interação do sujeito com o meio.

As concepções de Vygotsky sobre o processo de formação de conceitos remetem às relações entre pensamento e linguagem, à questão cultural no processo de construção de significados pelos indivíduos, ao processo de internalização e ao papel da escola na transmissão de conhecimentos, que é de natureza diferente daqueles aprendidos na vida cotidiana. (VYGOTSKY, L., 1984).

A internalização é fundamental para o desenvolvimento do funcionamento do processo psicológico humano. A internalização envolve uma atividade externa que deve ser modificada para tornarse uma atividade interna, é interpessoal e se torna intrapessoal. (VYGOTSKY, L., 1984, p.72).

Portanto, é na troca com o outro e consigo mesmo que a criança vai internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência.

As teorias de Vygotsky (1984) sobre o funcionamento do cérebro humano colocam que, o cérebro é a base biológica, e definem limites e possibilidades para o desenvolvimento humano. Essas concepções fundamentam sua ideia de que as funções psicológicas superiores (por exemplo, a linguagem, memória) são construídas ao longo da história social do homem, em sua relação com o mundo.

Na visão de Vigotsky (1984) a linguagem é o ponto central de sua teoria, como veremos em sua fala.

A linguagem permite a construção de conceitos, elementos centrais do pensamento, e a construção deste último adquirem, consequentemente, uma formulação lingüística, de modo que a linguagem se converte em ferramentas do pensamento. Desta forma, pensamento e linguagem a despeito de terem origens genéticas distintas, acabam por se fundir, dialeticamente, ao longo do desenvolvimento, linguagem converte-se em pensamento e pensamento em linguagem. (revista "A educação na idade média"- Coleção Memória da Pedagogia- edição especial, p.44/45/46).

Através da interação com o adulto, que a linguagem da criança adquiri estruturas, levando-a a pensar e a formar conceitos.

A mediação é uma ideia central para a compreensão de suas concepções, sobre o desenvolvimento humano como processo sócio histórico é a ideia de mediação: enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediados, através do real, operados pelos

sistemas simbólicos de que dispõe. (VYGOTSKY, L., 1987).

Portanto, enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, assim como no construtivismo, mas pela mediação feita por outros sujeitos.

A interação social e o instrumento linguístico são decisivos para o desenvolvimento. Fica claro que, para Vygotsky (1987), os desenvolvimentos das funções cognitivas dependem do meio externo, do meio social, sendo de fundamental importância para o ser humano por ser sua fonte de alimentação.

Para Vygotsky (1987) o sujeito não é apenas ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais, é na troca com outros sujeitos e consigo mesmo que se vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permitem a formação de conhecimentos e da própria consciência.

Assim a escola é o lugar onde a intervenção pedagógica intencional, desenvolve o processo de ensino aprendizagem. O professor tem o papel explícito de interferir no processo, diferentemente de situações informais nas quais a criança aprende por imersão em um ambiente cultural. Portanto, é papel do docente provocar avanços nos alunos e isso se torna possível com sua interferência.

Vemos ainda como fator relevante para a educação, decorrente das interpretações das teorias de Vygotsky, a importância da atuação dos outros membros do grupo social na mediação entre a cultura e o indivíduo, pois uma intervenção deliberada desses membros da cultura, nessa perspectiva, é essencial no processo de desenvolvimento.

Isso nos mostra os processos pedagógicos como intencionais, deliberados, sendo o objeto dessa intervenção, a construção de conceitos. O aluno não é tão somente o sujeito da aprendizagem, mas, aquele que aprende junto com o outro, o que o seu grupo social produz, tal como, valores, linguagem e o próprio conhecimento.

A aprendizagem é fundamental ao desenvolvimento dos processos internos na interação com outras pessoas (GONZALES, M.E.Q., 1996).

Nesse caso, o ensino deve passar do grupo para o indivíduo, portanto, o ambiente influencia a internalização das atividades cognitivas no indivíduo, de modo que, o aprendizado, produza o desenvolvimento, enquanto que o desenvolvimento mental só pode realizar-se por intermédio do aprendizado. (GONZALES, M.E.Q., 1996)

Vygotsky (1987) nos deixa a postura de educador mediante o aprendizado. A intervenção pedagógica, a troca, a vivência dos valores trazem novas formas de aprender e ensinar.

Funções cognitivas são os conhecimentos que têm como material, a informação do meio em que vivemos e o que já está registrado em nossa memória.

O educador pode orientar o aprendizado, no sentido de adiantar o desenvolvimento potencial de uma criança, tornando-o real.

2.2 - Emília Ferreiro

A pesquisa da referida autora, a criança elabora uma série de hipóteses trabalhadas, através da construção de princípios organizadores, resultados não só de vivências externa, mas também por um processo interno.

Apresenta como a criança assimila seletivamente as informações disponíveis e como interpreta textos escritos antes de compreender a relação entre as letras e os sons da linguagem (FERREIRO, E., 2004).

A criança que cresce em um meio letrado, está sempre em contato, com a linguagem escrita diversificada no ambiente (revistas, jornais, bilhetes, outdoors, nomes de ruas, placas etc) não precisam atingir uma certa idade e nem de professores para começar a aprender, a partir do nascimento já são construtoras de conhecimento, levantam problemas difíceis e abstratos e tratam por si próprias de descobrir respostas para elas, estão construindo objetos complexos de conhecimento, e o sistema de escrita é um deles (FERREIRO, E., 2001).

Portanto, o processo de alfabetização nada tem de mecânico do ponto de vista da criança que aprende, a criança constrói seu sistema interativo, pensa, raciocina e inventa buscando compreender esse objeto social complexo que é a escrita, essa mudança conceitual sobre alfabetização acaba levando a mudanças profundas na própria estrutura escolar.

Segundo Ferreiro e Ana Teberosky (2008), a grande maioria das crianças na faixa dos seis anos, faz corretamente a distinção entre textos e desenhos, sabendo que o que se pode ler é aquilo que contém letras, embora algumas ainda persistam na hipótese de que tanto se pode ler as letras quanto aos desenhos, mas o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social e das vivências sociais de leitura e de escrita.

Após análise de algumas fundamentações teóricas de Vygotsky, Piaget, e Emília Ferreiro, percebemos que o meio, a intera-

ção e o processo cognitivo fazem parte do desenvolvimento da aprendizagem.

Na sala de aula o professor, deve encontrar um ambiente favorável, abrindo espaços para que todos os alunos aprendam, levando em consideração os seus conhecimentos prévios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos proporcionou a oportunidade de saber mais sobre o ambiente alfabetizador e as maneiras do aluno participar de um conjunto de situações reais no processo de ensino aprendizagem, presenciando diversas oportunidades de leitura e de escrita na construção de como se lê e de como se escreve.

O ambiente alfabetizador perde o sentido se não tiver a função de oportunizar acesso ao mundo letrado.

O trabalho nos mostrou que o ambiente propício à alfabetização deve ter atividades com intencionalidade, situações reais de aprendizagem, planejamento e principalmente objetivos claros, onde as diversas formas de leitura e escrita sejam trazidas para a sala de aula, favorecendo não só o letramento, mas o desenvolvimento da linguagem em nosso foco principal, o educando.

Vivemos em uma sociedade em que a leitura e a escrita estão por toda parte e todo o processo de aprendizagem está articulado com a história de cada indivíduo, e ele aprende mais facilmente quando o novo pode ser relacionado com algum aspecto de sua experiência prévia. De posse de um ambiente alfabetizador adequado, com imagens, palavras e os fatos que estão em sua memória, o aprendizado se dará de forma mais fácil.

Acreditamos que este é um assunto muito importante a ser tratado e esperamos que nosso trabalho seja de fácil compreensão e que possa ser utilizado, como base de estudo para futuras pesquisas sobre o ambiente alfabetizador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. Programa de Formação de Professores Alfabetizadores. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental (DPE). Coordenação Geral do Ensino Fundamental para nove anos, 2004.

. CIPRIANO., L., H., R., WANDRESEN., M.,O., L., 2008 Letramento e

Alfabetização Lingüística. Ed. Positivo. Curitiba.

FERNANDES, M., 2008. Os segredos da alfabetização. Ed. Cortez. São Paulo.

FERREIRO, E., 2001. Reflexões sobre Alfabetização. Ed Cortez. São Paulo.

FERREIRO, E., 2004. Alfabetização em Processo, Ed. Cortez. São Paulo.

JUNG., C., G., 1961. A vida simbólica. Ed. Trajetória Cultural. São Paulo.

KAIL, R.V., 2004.A Criança. Prentice Hall.

KAMIL, C., 1991. A criança e o número: implicação educacionista da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos. Ed. Papirus. Campinas.

LEI 9394/96. Nova LDB 1997.Paulo Nathanael de Paula Souza. Ed. Pioneira. Brasília.

LEVY, P., 1993. Tecnologia da Inteligência. Ed. Ática. São Paulo.

OLIVEIRA, M.K., 1998. Piaget e Vygotsky. Ed. Ática. São Paulo.

PARÂMETROS, Curriculares Nacionais, Língua Portuguesa, Brasil Secretaria de Educação Fundamental.1997. Brasília.

REFERENCIAL, Curricular Nacional para Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. 1998. Brasília.

SEVERINO, A., J., 2008. Metodologia do Trabalho Científico. Ed. Cortez. São Paulo.

SOARES., B., M., 1998. Letramento um tema em três gêneros. Ed. Autêntica. Belo Horizonte.

VYGOTSKY, L., 1984. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Ed. Ícone. São Paulo.

VYGOTSKY, L., 1987. A formação social da mente. Ed. Martins Fontes. São Paulo.